

CELEBRANDO A NAÇÃO NOS GRAMADOS: O CAMPEONATO SUL-AMERICANO DE FUTEBOL DE 1922

Celebrating the nation on the turf: The 1922 Southamerican Football Championship

João Manuel Casquinha Malaia Santos*
Maurício Drumond*
Victor Andrade de Melo*

RESUMO

Esse artigo tem por objetivo analisar um momento da história brasileira no qual o esporte foi mobilizado com o intuito de celebrar a nação: a realização de um campeonato sul-americano de futebol no âmbito dos festejos do centenário da independência, organizados na Capital Federal em 1922. Para alcance do objetivo, como fontes foram utilizadas revistas e jornais de grande circulação do Rio de Janeiro e de São Paulo. O intuito foi analisar a competição em sua materialidade, em sua funcionalidade e em seu teor simbólico. Buscamos perceber como os dirigentes procuraram fazer do evento uma concretização de seus desejos de celebração da nação e também como o público se apropriou à sua maneira dessa iniciativa, a partir da relação estabelecida com a seleção brasileira de futebol.

Palavras-chave: futebol; nação; comemoração.

ABSTRACT

This article aims at analyzing a moment in Brazilian history in which sport was mobilized as a means of celebrating the nation: the organization of a Southamerican football championship during the festivities of the independence centenary held in the nation's capital in 1922. In order to reach this goal, popular magazines and newspapers from Rio de Janeiro and São Paulo were used as sources. We intend to analyse

* Programa de Pós-Graduação em História Comparada – UFRJ.

the competition in its materiality, functionality and symbolic content. We have tried to perceive both how managers sought to make the event a realization of their desire of celebrating the nation and how people appropriated that view, relating to the Brazilian football national team.

Key-words: football; nation; celebration.

Introdução – o esporte e a celebração da nação

As origens do fenômeno esportivo (do “esporte moderno”) se encontram no mesmo momento histórico em que se erigia a ideia de Estado-Nação: o século XVIII. De fato, a prática configurou-se inserida e articulada com o quadro de mudanças que marcou a construção do ideário e imaginário da modernidade.¹

A princípio uma manifestação cultural inglesa, no decorrer dos séculos XIX e XX, o esporte rapidamente se espalhou pelo mundo. A intensa mobilização observável por ocasião de algumas competições, como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol, é um indício de sua importância e popularidade nos dias de hoje. Nessas ocasiões, as bandeiras nacionais ocupam lugar de destaque, hasteadas antes das partidas e nas cerimônias de premiação, agitadas pelos torcedores nos estádios, exibidas quando os resultados são divulgados pelos meios de comunicação.

Desde o século XIX, a prática esportiva tem sido utilizada como estratégia para forjar discursos identitários, inclusive representações relacionadas à ideia de nacionalidade. Assim, as competições internacionais constantemente assumem um caráter de ode à nação: quando entram em campo os símbolos nacionais (hinos e bandeiras, notadamente), a paixão pelo esporte não poucas vezes se confunde com o amor à pátria, compondo uma *performance* de declaração de vínculos de lealdade ao país.

Por que os esportes são tão relacionados à construção de identidades nacionais? Se José Manuel Sobral² está correto quando afirma que as

1 Para mais informações, ver: MELO, Victor Andrade de. *Esporte e lazer: conceitos – uma introdução histórica*. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2010.

2 SOBRAL, José Manuel. A formação das nações e o nacionalismo: os paradigmas explicativos e o caso português. *Análise Social*, v. 37, n. 165, p. 1093-1126, 2003.

mais notáveis demonstrações de nacionalismo são de caráter espetacular, podemos destacar que em poucos espetáculos a ideia de nação tem tanto destaque quanto no caso dos grandes eventos esportivos. Por mais arbitrário e linear que possa a princípio parecer, não é de se estranhar, portanto, que as comemorações esportivas sejam, em alguma medida, encaradas como ocasiões para exaltar as conquistas e lamentar as derrotas de um povo, para repensar a trajetória e os desafios de um país.

Tais eventos podem ser encarados, dessa forma, como “lugares de memória”, como entendidos por Pierre Nora:³ *loci* em que é construída a consciência histórica de um povo. Os lugares de memória não se constituem necessariamente de espaços físicos, mas também de elementos simbólicos. São monumentos, personalidades, obras de arte, acontecimentos, que ancoram a visão de um passado em comum, ajudando a materializar uma identidade construída. Como observa Nora, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”.⁴

Os certames esportivos podem se constituir em lugares de memória quando são “investidos de uma aura simbólica”.⁵ No Brasil, por exemplo, isso pôde ser observado com a Copa do Mundo de 1950 e seu desfecho dramático, a derrota para o Uruguai na final, que supostamente teria colocado em xeque a possibilidade de “o país ser vitorioso”,⁶ e com a Copa do Mundo de 1970, quando o tricampeonato teria consagrado a superioridade brasileira em um âmbito internacionalmente valorizado.

Em maior ou menor grau, sempre de forma polêmica, esses fatos foram interpretados como representações das peculiaridades sociais e culturais da nação, relacionados a questões identitárias, permanecendo por anos na memória coletiva da população.

Vale também dialogar com a ideia de “comunidade imaginada” proposta por Benedict Anderson. Para o autor, a nação deve ser encarada

3 NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

4 *Ibidem*, p. 9.

5 *Ibidem*, p. 21.

6 Nelson Rodrigues, por exemplo, via no fato o reflexo de um suposto “complexo de vira-latas” que acometeria o povo brasileiro, um sentimento de inferioridade perante o resto do mundo. Para mais informações, ver: ANTUNES, Fátima M. R. F. “*Com brasileiro não há quem possa!*”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

como uma entidade imaginada por seus membros, que compartilham símbolos próprios de identificação mútua. Mesmo que nunca se encontrem numa totalidade, os indivíduos se sentem como parte atuante de um grupo, pois “na mente de cada um existe a imagem de sua comunhão”.⁷ Os eventos esportivos permitem à comunidade celebrar essa construção coletiva e demonstrar publicamente sua pertença ao todo.

Ao se referir aos hinos, Anderson destaca que a “experiência de simultaneidade” de sua entoação proporcionaria uma “realização física repercutida da comunidade imaginada”,⁸ uma vez que desconhecidos se reconhecem como participantes de um mesmo grupo por cantarem os mesmos versos na mesma melodia. O mesmo se dá com o esporte: indivíduos, que não necessariamente se conhecem, se unem através da experiência de torcer por um mesmo atleta, um mesmo clube, um mesmo país. De fato, a “experiência de simultaneidade” proporcionada pelo espetáculo esportivo é capaz de abranger um número ainda maior de pessoas. Aliás, os hinos são partes constituintes do evento e não poucas vezes os adeptos se autodenominam metaforicamente como uma nação (como, por exemplo, a “nação rubro-negra”, termo usado com frequência para designar a torcida do Clube de Regatas do Flamengo).

O esporte é, assim, um importante elemento de afirmação cultural: ao seu redor constituem-se “tradições inventadas”.⁹ Eric Hobsbawm¹⁰ faz uma distinção entre as invenções “políticas” e as invenções “sociais” de tradições. As primeiras seriam fruto de movimentos organizados ou intervenções estatais – como festas cívicas e eleições de heróis nacionais. Já as segundas seriam as geradas por grupos sociais sem uma organização mais formal e/ou participação do Estado. Comumente as duas dimensões se mesclam, até mesmo por interesse de dirigentes em se vincular a celebrações populares. Para Hobsbawm, como “uma das novas práticas sociais mais importantes do nosso tempo”,¹¹ “tanto o esporte das massas quanto

7 ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005. p. 25.

8 *Ibidem*, p. 197.

9 HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

10 HOBBSAWM, Eric J. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: _____; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 271-316.

11 *Ibidem*, p. 306.

o da classe média uniam a invenção de tradições sociais e políticas [...] constituindo um meio de identificação nacional e comunidade artificial”.¹²
Para ele:

[...] era a demonstração concreta dos laços que uniam todos os habitantes do Estado nacional, independente de diferenças locais e regionais, como na cultura futebolística puramente inglesa ou, mais literalmente, em instituições desportivas como o Tour de France dos ciclistas (1903), seguido do Giro d'Italia (1909).¹³

Assim, em um mundo cada vez mais globalizado, em poucos anos certos fatos esportivos ganharam *status* de tradição nacional. Mesmo quando a ideia de nação tornou-se mais frágil em função do desenvolvimento econômico transnacional, o esporte manteve o papel de construtor e consolidador de discursos identitários, de celebração da pátria. Com isso, não afirmamos que a prática tem sido somente usada como parte de uma estratégia deliberada de manipulação e controle, mas sim que se insere em quadros de diálogo no processo de construção de um imaginário que torna mais estável o cotidiano dos membros de uma comunidade.

Tendo em conta esses debates, esse artigo tem por objetivo analisar um momento da história brasileira no qual o esporte foi mobilizado com o intuito de celebrar a nação: a realização de um campeonato sul-americano de futebol no âmbito dos festejos do centenário da independência, organizados na Capital Federal em 1922.

Para alcance do objetivo, como fontes foram utilizadas revistas e jornais de grande circulação do Rio de Janeiro e de São Paulo. O intuito foi analisar a competição em sua materialidade, em sua funcionalidade e em seu teor simbólico. Buscamos perceber tanto como os dirigentes procuraram fazer do evento uma concretização de seus desejos de celebração da nação quanto como o público se apropriou à sua maneira dessa iniciativa, a partir da relação estabelecida com a seleção brasileira de futebol.

Como lembra Mary Del Priore, os jogos não significam apenas “descanso, prazeres e alegria”, mas também permitem “aos espectadores e

¹² *Ibidem*, p. 309.

¹³ *Ibidem*, p. 309.

atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários”.¹⁴ O que teria, então, significado o Campeonato Sul-Americano de Futebol no contexto dos “Festejos do Centenário”?

O Campeonato Sul-Americano de Futebol nos festejos do centenário

Em 1922, em meio a um contexto mundial no qual ainda se sentiam os desdobramentos da Primeira Grande Guerra e um cenário nacional marcado por grande ebulição política, efervescência cultural e problemas econômicos, o Brasil preparava-se para celebrar o centenário de sua independência. O principal intuito dos festejos era reafirmar a vinculação do país à ideia de modernidade: apresentar os seus “progressos” e sua capacidade de tomar parte ativa no concerto internacional das nações. Promovendo uma leitura sobre o passado, perspectivava-se a construção de um projeto que apontasse um futuro alvissareiro para o país:

Ser moderna, eis a aspiração que animava a sociedade brasileira às vésperas do Centenário da Independência, momento ímpar não só para a realização de um efetivo balanço das “reais” condições do país, como para a elaboração de projetos que apontassem soluções para a questão nacional. Longe de representar um projeto único e homogêneo, tal aspiração envolveu diferentes concepções de modernidade; longe de se limitar ao âmbito das ideias, buscou se firmar no campo das realizações “concretas”.¹⁵

O Rio de Janeiro foi preparado para ser a principal sede das comemorações. Tratava-se de apresentar a capital como uma metrópole moderna,

14 DEL PRIORE, Mary Lucy. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 10.

15 MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Editora FGV: 1992. p. 40.

civilizada e cosmopolita. O engenheiro Carlos Sampaio, que já participara de algumas importantes obras na cidade, entre as quais a construção da Avenida Central, por Eptácio Pessoa foi nomeado prefeito do Distrito Federal, responsável por conduzir uma série de intervenções urbanas, especialmente no Centro e na Zona Sul.

Praticamente construiu-se uma nova urbe em algumas zonas da cidade, que já passara por grandes intervenções na administração de Pereira Passos (prefeito entre os anos de 1902 e 1906). Nas palavras de um cronista de *O Malho*, na região onde foi instalado o principal local dos eventos (Centro do Rio de Janeiro):

[...] derrubou-se uma boa parte do innominavel bairro da Misericórdia, para fazer surgir em todo esse terreno um conjunto surpreendente de palácios e pavilhões [...]. E não se trata apenas de construcções ligeiras. A maioria do que ali existe é para ficar: é para fazer parte do novo bairro – que o arrasamento do morro do Castello ampliará até o coração da cidade.¹⁶

Muitas obras, realizadas com o intuito tanto de apresentar a beleza natural e arquitetônica da Capital Federal quanto de demonstrar a capacidade de realização do país, estavam relacionadas a dois dos eventos mais simbólicos dos “Festejos do Centenário”: uma exposição internacional e uma série de competições esportivas.

Desde o século XIX, a organização de exposições internacionais estava claramente vinculada a uma estratégia de exaltação da nação.¹⁷ A Exposição Internacional de 1922 foi inaugurada em 7 de setembro, aniversário da independência do país, apresentada como a maior de todos os tempos, cercada por discursos ufanistas. Por exemplo, *O Imparcial*, um dos periódicos de maior circulação na cidade, informava orgulhosamente, na matéria “A Cidade Luz”, uma clara alusão a Paris, que dois mil operários “brasileiros”, sob a direção de A. Bussiere e S. P. Brito, usavam apenas “material nacional” para iluminar o parque do evento: 600 lâmpadas in-

16 NOTAS da semana. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1922, p. 51.

17 PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

candescentes produzidas na fábrica Mazda, do Rio de Janeiro, e 300 globos modelados vindos de São Paulo, “sendo os postes de aço o único material de manufatura estrangeira empregada na construção”.¹⁸

Na verdade, é muito provável que nem mesmo todos os trabalhadores fossem brasileiros. Basta lembrar que, segundo os dados do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, na ocasião os estrangeiros representavam 35,2% da mão de obra da indústria no Distrito Federal.¹⁹ No discurso ufanista que marcou a ocasião, todavia, isso foi um detalhe não considerado.

Já os Jogos Desportivos do Centenário (também chamados de Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro) foram uma das primeiras competições da América do Sul a reunir vários esportes distintos: futebol, basquete, tênis, natação, polo aquático, esgrima, tiro, remo, boxe, hipismo e atletismo. As provas e partidas aconteceram simultaneamente ao longo dos meses de setembro e outubro de 1922. O evento chegou a ser oficialmente reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional, que buscava implementar uma política de organização de competições regionais entre as edições dos Jogos Olímpicos.²⁰

O Brasil já havia sediado uma importante competição internacional, o Sul-Americano de Futebol de 1919. Arnaldo Guinle, membro de uma das famílias mais importantes do país, presidente do Fluminense Football Club e da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), liderou a organização desse evento, conseguindo incentivos governamentais para ampliar as instalações da tradicional agremiação das Laranjeiras, que abrigou os jogos. A sede do “Tricolor Carioca” foi transformada na mais moderna praça de esportes do Brasil e seu estádio, em um dos maiores da América do Sul, com capacidade para 18 mil pessoas.

No caso dos Jogos do Centenário, depois de grande pressão dos meios de comunicação, o envolvimento do governo foi ainda maior. Arnaldo Guinle uma vez mais se apressou em colocar o Fluminense à frente do projeto. Novamente recursos públicos subsidiaram a construção de instalações esportivas, inclusive a realização de uma nova reforma do estádio das Laranjeiras, condu-

18 A CIDADE LUZ. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1922, p. 1.

19 RECENSEAMENTO do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1922.

20 Para mais informações, ver: BUCHANAN, Ian. Elwood S. Brown: missionary extraordinary. *Journal of Olympic History*, v. 6, n. 3, p. 12-31, 1998.

zida por Hypolito Pujol Jr., professor da Escola Politécnica de São Paulo, na ocasião considerado um dos mais importantes arquitetos brasileiros a trabalhar com concreto armado, a tecnologia empregada nas reformas do *Stadium*.²¹

Nesse momento, o Rio de Janeiro vivia, nas palavras de Nicolau Sevcenko,²² uma “febre esportiva”: se o esporte já estava incorporado ao cotidiano da cidade desde o quartel final do século XIX, com ainda mais força se fazia presente nas primeiras décadas do século XX.²³ Observa Alvaro Moreira como a prática fazia parte de um novo estilo de vida:

A terra carioca tem o tempo de vida contado às avessas. Os anos vão passando, ela vai ficando mais nova. Quem a procura, na lembrança dos dias coloniais, encontra uma velhinha tristonha [...]. Com D. Pedro I, ei-la chegada ao outono [...]. Pelo meio do Segundo Império, ela rejuvenesce escandalosamente [...]. Quando se proclamou a República, andava a terra carioca nos seus vinte anos... De então para hoje, ficou assim [...] enumera todos os costureiros e chapeleiros de Paris... diz de cor a biografia de todos os artistas de cinema... entende de esportes como ninguém... conversa em francês, inglês, italiano, espanhol... ama os poetas... toma chá com furor... e dança tudo. É linda!²⁴

Vejamos que no *Diccionario Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, lançado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1922, em comemoração ao centenário da independência, encontramos o verbete “Desporto”, um indício de que a prática já ocupava relevante espaço na sociedade brasileira.

Nesse verbete, de início, apresenta-se uma série de motivos que supostamente dificultavam o desenvolvimento esportivo nacional, entre os quais o clima e a “hereditariedade mal-formada”²⁵ (em função da mistura

21 Para mais informações, ver: FISHER, Silvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2005.

22 SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritos e ritmos do Rio. In: _____ (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 568.

23 Para mais informações sobre os primeiros momentos do esporte no Rio de Janeiro, ver: MELO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj, 2001.

24 *Revista para Todos*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 196, p. 7, 1922.

25 INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. *Diccionario Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil* (Commemorativo do Primeiro Centenário da Independência). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922. v. 2, p. 413.

de portugueses, índios e negros). Assim, o crescimento da popularidade da prática teria relação com o aumento da presença de imigrantes europeus, que não só contribuíam para melhorar a “raça brasileira”, como também para a adoção de hábitos mais “civilizados”.

De acordo com a obra, o esporte teria definitivamente se popularizado quando surgiu “um desporto mais assimilável, mais adaptável aos caracteres ingênitos, físicos, psíquicos da mocidade brasileira, entre os quais avultavam a nervosidade latina e a combatitividade indígena”. Para o *Dicionário*, “estava reservado este papel ao football que [...] despertou desde logo o maior interesse e provocou a fundação das primeiras sociedades genuinamente brasileiras de desporto terrestre”.

Tais olhares sobre o esporte expressam a ambiência intelectual da ocasião, ainda marcada pela influência de teses eugenistas. De qualquer forma, de fato, o futebol já era uma das mais fanáticas paixões dos cariocas e de muitos brasileiros. Desde a década de 1910 assistiu-se a uma intensa massificação da prática, à proliferação de clubes e de jogos que, não raramente, atraíam grande público. A imprensa o noticiava com frequência e destaque. A seleção brasileira já havia sido campeã sul-americana, justamente em 1919, quando o país sediou o torneio pela primeira vez.²⁶

Em geral, os eventos de celebração do centenário da independência mobilizaram a população carioca. Entre esses, o mais comentado foi mesmo o Campeonato Sul-Americano de Futebol. O primeiro jogo da seleção brasileira ocorreu dez dias após a inauguração da Exposição Internacional. Enquanto os pavilhões desta eram visitados mais ordeiramente, no Estádio do Fluminense o comportamento do público seria distinto, tema que trataremos mais à frente.

A nação se prepara para entrar em campo

Os momentos finais da preparação dos festejos do centenário ocorreram em meio a um tenso clima político: uma tendência de ruptura

26 Para mais informações, ver: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

entre as oligarquias nacionais, dada a rejeição à vitória de Artur Bernardes nas eleições presidenciais de março de 1922. Curiosamente, a formação da seleção brasileira de futebol foi encarada como uma das propostas de reconciliação.

A título de exaltar a imensidão do país e ampliar o envolvimento da população, surgiu a ideia de realizar um campeonato brasileiro de seleções estaduais para escolher aqueles que comporiam a equipe representativa do Brasil nos Jogos de 1922. Um dos intuitos anunciados era a observação de jogadores de fora do eixo Rio-São Paulo, uma tentativa de evitar que o selecionado fosse formado somente por representantes das duas cidades, como era de costume. A equipe nacional deveria, na teoria, melhor expressar a diversidade da nação. Na verdade, havia o interesse de unir, em um mesmo projeto, dirigentes ligados a grupos políticos oponentes.

A celebração da nação por meio do futebol aconteceria, assim, em duas etapas: inicialmente os Estados seriam conclamados a se unirem para a formação do selecionado; em seguida, o “esquadrão” representaria o país na luta contra os adversários sul-americanos.

Para organizar o inédito certame, foi criada a “Comissão Sportiva do Centenário”, dirigida pela CBD. Os desafios eram notáveis, a começar pelo deficitário sistema de transportes, que encarecia e dificultava o deslocamento das equipes estaduais. A pouca organização de algumas federações e as constantes brigas entre cariocas e paulistas pelo controle do esporte no país eram ingredientes que tornavam ainda mais complicado o intuito de consolidação de um “futebol nacional”.

A preparação do campeonato foi uma verdadeira engenharia de paz. Foram convidados representantes tanto de Estados cujas oligarquias se perpetuavam no governo da nação (São Paulo e Minas Gerais) quanto de Estados ligados à chamada “Reação Republicana” (Rio de Janeiro, Distrito Federal, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul), o movimento que tentou derrubar paulistas e mineiros nas eleições presidenciais de 1922. Ainda foram convidadas seleções do Pará, que tinha uma história de confrontos com o poder central, e do Paraná, que havia passado por conflitos em seu território. A competição começou menos de um mês após o Levante do Forte de Copacabana.

As equipes foram divididas em três grupos. A Zona Norte era formada pelas seleções da Bahia, do Pará e de Pernambuco. Como as duas últimas desistiram de participar do torneio, o time baiano passou diretamente para as

finais, a serem disputadas em São Paulo e Rio de Janeiro. A Zona Centro foi composta por Rio Grande do Sul e Paraná. Os gaúchos classificaram-se ao empatar um jogo e ganhar o outro. A Zona Sul tinha quatro equipes: Estado do Rio de Janeiro, Distrito Federal, Minas Gerais e São Paulo.

Na verdade, as seleções mais fortes e que levavam maior público aos igualmente maiores estádios do país foram beneficiadas. Cariocas e paulistas jogaram contra fluminenses e mineiros, respectivamente, em seus domínios e em partidas eliminatórias que classificaram as vencedoras para a fase final. A comissão organizadora vislumbrou que uma final entre os selecionados da Capital Federal e de São Paulo garantiria uma excelente renda, totalmente destinada aos cofres da CBD, que assumira a responsabilidade por fornecer passagens e hospedagem aos participantes.

Como esperado, os cariocas venceram a seleção do Estado do Rio de Janeiro (por 2 a 0), enquanto os paulistas demonstraram sua superioridade ganhando de 13 a 0 do selecionado mineiro. Na fase final, baianos, cariocas, gaúchos e paulistas jogariam entre si para decidir a campeã. A equipe de São Paulo derrotou a do Rio Grande do Sul (4 a 2) e a da Bahia (3 a 0), enquanto o time do Distrito Federal venceu os gaúchos (2 a 0) e empatou com os baianos (2 a 2), em jogo que gerou grande expectativa entre os soteropolitanos.

A Bahia era, naquele momento, um dos principais pilares de oposição e a partida foi encarada como um enfrentamento com o poder central (ainda que o Distrito Federal também integrasse a “Reação Republicana”). Funcionários do *Diário da Bahia* afixaram, em frente à sede do jornal, notícias do desenrolar do jogo, que recebiam da capital por telefone. Ao final, com o empate, “a multidão em delírio percorreu as principais ruas, ovacionando os jogadores bahianos, tendo seguido até o palácio, para cumprimentar o governador Dr. J. J. Seabra”,²⁷ o candidato da “Reação Republicana” derrotado à vice-presidência nas eleições de março de 1922.²⁸

27 NA BAHIA, uma grande multidão felicitou o Sr. Presidente do Estado por motivo do empate baianos x cariocas. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 31 de julho de 1922, p. 1.

28 Vale frisar que *O Imparcial* pertencia ao deputado federal Macedo Soares, ligado à Reação Republicana (e presidente da CBD por um curto período, no início de 1922). Isso ajuda a entender por que a vitória no campo esportivo (nesse caso uma vitória simbólica, advinda de um empate com um adversário visto como superior) foi apropriada como uma conquista política. Para mais informações, ver: SENA, Henrique. *Pugnas renhidas: futebol, cultura e sociedade em Salvador, 1901-1924*. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade de Feira de Santana. Feira de Santana, 2012.

Com a vitória dos baianos frente aos gaúchos (1 a 0), o último jogo, entre paulistas e cariocas, adquiriu o esperado caráter de final. Para aumentar a arrecadação, a CBD marcou dois jogos, um em cada cidade, sagrando-se campeã a equipe de São Paulo com duas vitórias (4 a 1, no Estádio do Palestra Itália, e 2 a 1, no Estádio do Fluminense).

O campeonato foi um sucesso de público e renda, além de ter logrado grande repercussão. A imprensa saudou enfaticamente os esforços de reunir “um conjunto que representasse dignamente o sport nacional” através do importante torneio, “proporcionando os seus resultados surpreendente oportunidade para que se constatasse o progresso sportivo de outros Estados”.²⁹

É verdade que a seleção de 1922 novamente só contou com jogadores de São Paulo e do Distrito Federal. De toda maneira, o campeonato brasileiro de seleções estaduais contribuiu para que a equipe fosse celebrada como digna representante da nação. Além disso, a competição uniu dirigentes de Estados que estavam em processo de colisão em um esforço para executar um projeto nacional.

Estava armado o espetáculo que para muitos brasileiros seria ainda mais grandioso, mais importante, mais emocionante do que a Exposição Internacional.

A nação em campo: o público

A Exposição Internacional atraiu grande número de pessoas de todas as regiões da cidade. Em função da expectativa de público, dias antes da inauguração, o diretor da Central do Brasil, Assis Ribbo, anunciou que “resolveu mandar pintar todas as estações, desde Cascadura até a Central, affim de, por ocasião dos festejos do nosso Centenario, apresental-as dignas de serem vistas pelos nossos visitantes”.³⁰ Não foram reformadas muitas outras estações do subúrbio carioca, região com grande concentração po-

29 DOMINGO Sportivo. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1922, p. 1.

30 *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1922, p. 3.

pulacional, mas é inegável que alguma estrutura foi preparada para facilitar a chegada da população aos pavilhões.

As previsões se mostraram acertadas. Segundo o *Correio da Manhã*, passaram “pelas ‘borboletas’ da estação Central, com destino aos subúrbios, até a meia-noite de ontem: 26.058 passageiros de 1ª classe e 38.147 de 2ª, num total de 64.208 passageiros”.³¹ De acordo com o mesmo periódico, só no primeiro final de semana da exposição, prolongado por conta do feriado de 7 de setembro, que caiu em uma quinta-feira, foram vendidas 70.600 entradas.

Enquanto o preço das entradas para a Exposição equiparava-se ao das diversões mais baratas, para o Campeonato Sul-Americano de Futebol eram sensivelmente mais caras. Na ocasião, a venda de ingressos havia se tornado a mais importante ferramenta econômica para a manutenção das entidades esportivas, que estabeleciam os valores conforme a importância da competição. Em média, no Rio de Janeiro e em São Paulo, o bilhete para os campeonatos locais era mais barato do que para jogos interestaduais. Por sua vez, em partidas internacionais, principalmente as da seleção brasileira, as entradas eram ainda mais caras.

Façamos uma comparação dos valores dos ingressos. O das gerais dos campeonatos do Rio de Janeiro e de São Paulo (da 1ª divisão) custava 1\$000, o mesmo que o dos cinemas e o da exposição do centenário. Os circos geralmente ofereciam bilhetes a 2\$000, valor igual aos das gerais durante o campeonato de seleções estaduais. Já as entradas para os teatros e concertos de música clássica eram mais caras, custando respectivamente 3\$000 e 7\$000.³²

O valor cobrado pelos ingressos mais baratos do Campeonato Sul-Americano de Futebol estava no mesmo patamar do das peças de teatro. Para assistir ao jogo nas gerais, em pé, espremido na grade divisória do campo, sob o sol das duas horas da tarde, pagava-se 3\$000. Para as arquibancadas, o preço era de 6\$000.

31 *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1922, p. 1.

32 Para mais informações, ver: SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

Curiosamente, a modalidade mais popular era a que tinha o ingresso mais caro das competições esportivas: 15\$000 para as cadeiras numeradas, um valor dos mais elevados entre as atividades de lazer. O mesmo setor custava 10\$000 para as provas de atletismo e 5\$000 para as lutas de boxe (com gerais e arquibancadas custando 1\$000 e 2\$000 para o primeiro e 1\$000 e 3\$000 para o segundo). Nos eventos dos outros esportes sequer havia cadeiras numeradas. Nesses casos, os bilhetes para as gerais e as arquibancadas custavam, respectivamente, 2\$000 e 3\$000 para a natação e o polo aquático, 4\$000 e 5\$000 para o basquete, e 2\$000 e 5\$000 para o hipismo. Para as provas de esgrima, tênis e tiro cobrava-se um preço único: 3\$000.

Mesmo com esses valores elevados, a CBD e a imprensa esperavam grande público. Meses antes do evento, um cronista calculava o montante que deveria entrar nos cofres da Confederação com a venda de entradas: 860:000\$000, média de 80 contos de réis por partida. Como as despesas com as passagens e hospedagem das equipes convidadas (Chile, Uruguai, Argentina e Paraguai) somariam 200:000\$000, esperava-se um considerável lucro de 660:000\$000.³³

Com essas expectativas otimistas, o esquema para a venda de ingressos foi planejado de maneira meticulosa e divulgado com antecedência pela imprensa. O Estádio do Fluminense foi dividido em duas galerias, a primeira com entrada pela Rua Álvaro Chaves e a segunda pela Rua Guanabara. Decidiu-se que os bilhetes seriam vendidos apenas em um único local, na Avenida Rio Branco, e somente para os jogos do mesmo dia.

Além disso, com o objetivo de agilizar a compra, não se daria troco. Justificara-se tal decisão com o argumento de que a medida era “usada em toda a parte do mundo em festas de grandiosidade das esportivas”, de forma a “acaustelar os próprios interesses do público”.³⁴ Divulgou-se ainda a possibilidade de se adquirir por 200\$000 um pacote de ingressos para “todas as provas oficiais dos festejos desportivos Latino-Americanos a se realizarem no Stadium”,³⁵ entre as quais as competições de atletismo, boxe e todos os jogos de futebol.

33 *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 13 de maio de 1922, p. 3.

34 AS ENTRADAS para as provas do Stadium. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1922, p. 3.

35 AS ENTRADAS para as provas do Stadium. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1922, p. 3.

Ainda que o sucesso econômico não tenha sido o esperado, em função dos elevados custos de organização, os resultados foram excelentes: os estádios ficaram absolutamente lotados. Só no jogo de maior renda, Brasil e Uruguai, se arrecadou quase o mesmo que nos quatro primeiros dias da Exposição: 63:963\$000.

Até mesmo em São Paulo, a despeito da grande rivalidade que persistia entre paulistas e cariocas, o campeonato mobilizou grande número de torcedores. Na partida final, por exemplo, cerca de 30 mil pessoas se espremeram em frente ao prédio de *A Gazeta* para acompanhar os lances transmitidos por uma novidade: a “radiotelephonia alto-fallante”. Dado o tumulto, o aparelho foi transferido para um local mais espaçoso, em frente ao edifício do Automóvel Club.

É interessante notar que, nessa cidade, no mesmo dia, realizou-se um jogo entre as seleções brasileira e argentina, a título de disputa da segunda edição da Copa Roca. Como o Campeonato Sul-Americano de Futebol se estendera além do previsto, por motivos que apresentaremos mais adiante, e a partida já estava marcada com antecedência, um selecionado alternativo foi formado às pressas, majoritariamente com jogadores de equipes paulistas. Isso em nada diminuiu o interesse pela pugna que se desenrolava na Capital Federal.

Na verdade, em muitas localidades do país, mesmo com as limitações de ordem tecnológica, muitos torcedores estiveram atentos ao que se passava no Estádio do Fluminense: a nação estava em campo e seu povo acompanhava com apreensão.

Uma festa popular

Podemos entender os festejos do centenário da independência como “festas da ordem”, “formalidades sociais em que se celebram as relações sociais tal como elas operam no mundo diário” em comemoração à “ordem social, com suas diferenças e gradações, seus poderes e hierarquias”.³⁶

36 DA MATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 84.

Nesses casos, “a ênfase é sempre colocada na ordem, na regularidade, na repetição, na marcha ordeira, no cântico cadenciado, no controle do corpo”.³⁷

O Campeonato Sul-Americano de Futebol foi pensado para assumir essa dinâmica; até mesmo por isso o comportamento do público tornou-se uma preocupação dos responsáveis pela organização do evento. Devemos lembrar que no Sul-Americano de 1919 houvera confusões de diversas ordens, dentro e fora do estádio, desencadeadas inclusive pela falta de ingressos suficientes para atender o número de interessados.

Desde 1920 vigorava uma legislação que normatizava o comportamento do público em casas de diversão e espetáculos;³⁸ alguns artigos tratavam especificamente de “prados de cavalo, campos de football e outros desportos”.³⁹

No Capítulo XI, “Dos Espectadores”, no artigo 33 definiam-se os limites de participação do público:

I - Não incomodar quem quer que seja durante o espetáculo, nem perturbar os artistas durante a representação, salvo o direito de applaudir ou reprovar, não podendo em caso algum arrojado ao palco objectos que molestem as pessoas ou possam damnificar as coisas, nem fazer motim, assuada ou tumultos com gritos assobios ou outros quaesquer actos que interrompam o espetáculo, ou sejam contrários á ordem, socego e decencia no recinto do edificio.

O segundo parágrafo do mesmo artigo revelava como as autoridades abriam algumas exceções para o público dos eventos esportivos:

§ 2º - Nos desportos ao ar livre é *lícito* aos espectadores, mesmo durante esses, manifestarem sua aprovação ou reprovação, ou incitarem os que nelle tomam parte, por meio de cânticos, gritos, rumores habitualmente usados em taes espetáculos.

37 *Ibidem*, p. 87.

38 BRASIL. *Regulamento das diversões públicas*. Decreto n. 14.529, *Diário Oficial da União*, 12 de dezembro de 1920, p. 20.700-20.705.

39 BRASIL. *Regulamento das diversões públicas*. Decreto n. 14.529, *Diário Oficial da União*, 12 de dezembro de 1920, p. 20.700-20.705.

Tratava-se de um reconhecimento de que algo diferenciava as competições esportivas. Isso não significava o abandono do controle: determinava a legislação que era “expressamente proibido aos espectadores abandonar tumultuariamente seus lugares”, bem como invadir os campos e quadras. Chamava a atenção dos dirigentes e da imprensa a expressão corporal do público (provavelmente a inspiração para o termo “torcida”).

Às vésperas do início do campeonato de 1922, a polícia alertava que coibiria com energia os excessos e invasões de campo, lembrando que as multas variavam de 20 a 100\$000. Ressaltava-se que os espectadores das cadeiras numeradas e das arquibancadas deveriam assistir aos jogos sentados em seus lugares.⁴⁰

Na prática, mostrou-se impossível manter o público “comportado”. Segundo um repórter do *Correio da Manhã*, a tentativa de obrigar os torcedores a permanecerem sentados teria a princípio produzido “bons resultados”, no entanto, “sempre que chegava um momento difícil, um instante de emoção, aquella massa de gente, como que accionada por uma pressão eléctrica, ficava de pé, ansiosa, entusiasmada até passar o perigo”.⁴¹ Além disso, como os estádios estavam sempre lotados, constantemente os espectadores das gerais, para não serem espremidos, pulavam a cerca que os separava do campo. Os torcedores, assim, participavam à sua maneira, desafiando as leis, não se importando com as multas: tratavam de se contorcer, de pular, de gritar.

O espaço do estádio se constituiu, logo, em um *locus* de tensão entre a tentativa de instituir a ordem e as “resistências” dos populares. As arquibancadas e gerais tornaram-se um espaço ímpar nas comemorações do centenário: ao invés de “posturas civilizadas”, o público se expressou com arroubos de ódio e felicidade, com gestos largos, gritos, festa desmedida. Por meio de um comportamento “exagerado”, demonstrando paixão irrefreável, carnavalizou a festa da ordem planejada pelas autoridades; à sua moda celebrou a nação.

40 *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1922, p. 2.

41 OS SPORTS no Centenário. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1922, p. 3.

Repercussões da vitória

Na imprensa, o discurso de civismo e de orgulho nacional predominou na cobertura do Campeonato Sul-Americano de Futebol, ainda que tenha sido bastante tortuoso o caminho até o título. A disputa foi realizada em um sistema em que as seleções jogavam entre si, sagrando-se campeã a que obtivesse o maior número de pontos. Em caso de empate, haveria um jogo extra.

A seleção brasileira empatou os três primeiros jogos, com chilenos, uruguaios (os grandes rivais e favoritos ao título) e paraguaios. Restando apenas o confronto com a Argentina, os brasileiros tinham que torcer por uma improvável combinação de resultados nas últimas partidas do torneio.

Um empate frente ao Paraguai garantiria à seleção uruguaia a conquista do título. Todavia, o Uruguai foi derrotado em um jogo polêmico e tumultuado, arbitrado pelo brasileiro Pedro Santos, que chegou a anular dois gols da equipe favorita. Depois de tentar agredir o árbitro, inconformados, os uruguaios abandonaram a partida e o campeonato, regressando a sua terra natal.

Com uma vitória sobre a Argentina, que por sua vez surpreendentemente derrotou o Paraguai, em outra partida polêmica, uma vez mais arbitrada por um brasileiro, Enrique Vignal, a seleção do Brasil empatou em número de pontos com a do Uruguai e a do Paraguai. Para decidir o título, foi marcado um único jogo extra, já que os uruguaios desistiram da competição.

O selecionado brasileiro voltava a ter chance de sagrar-se campeão. A imprensa, principalmente a carioca, celebrou enfaticamente tal possibilidade. Por exemplo, assim se pronunciou *O Jornal* em 22 de outubro de 1922, dia da grande final: “Depositamos no ‘eleven’ nacional [...] as mais fundadas esperanças de que saberá elle erguer bem alto o nome do Brasil sportivo [...]”.⁴² Ao fim, a consagração: a equipe do Brasil não deu chances à seleção paraguaia: vitória incontestada por 3 a 0.

No dia seguinte, em 23 de outubro, os periódicos exaltavam o feito do selecionado brasileiro, dando destaque ao que consideraram o alcance

42 *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1922, p. 3.

“verdadeiramente nacional” da conquista. *O Imparcial*, em sua primeira página, comemorou que “Todo o Brasil rejubila a estas horas com a merecida vitória alcançada hontem [...]”,⁴³ enquanto *O Jornal do Brasil*, também na capa, adjetivou a conquista como “a vitória do mais forte, a vitória da justiça”.⁴⁴ *A Noite* enfatizou as “extraordinárias ovações que nossos patrícios receberam no Stadium”: “os brasileiros sahiram do campo ao som de vivas e de hurras e cobertos de flores”.⁴⁵ Formiga, autor de dois gols, segundo *O Paiz*, “foi carregado pela massa de povo, que o conduziu em triumpho até o Hotel Phenix, onde se acha[va] hospedado”.⁴⁶

Já na edição de 24 de outubro, o cronista da *Gazeta de Notícias* ressaltou que as milhares de pessoas que assistiram à partida gritavam: “Salve o Brasil – campeão de terra e mar”,⁴⁷ devido aos títulos conquistados nos certames de futebol, remo e *water polo*. *O Jornal*, desse mesmo dia, opinou: “Os louros dessa memorável pugna couberam, mui justamente aos nossos patrícios que tiveram, assim, o justo premio dos esforços dispendidos e da abnegação com que sempre lutaram em defesa das cores nacionais”.⁴⁸ A revista *Fon-Fon* também dedicou várias páginas à conquista. Ao descrever as comemorações, destacou que “os *footballers* nossos patrícios sahiram ovacionados assim e sob uma chuva copiosa de flores, cujo perfume odorífero se confundia [...] com o enebriante perfume dos sorrisos e da alegria das nossas gentis ‘torcedoras’”.⁴⁹

O paulista *Folha da Noite* foi um dos únicos periódicos cujo discurso não se mostrou tão alinhado com a celebração da pátria. Os jornalistas não se conformaram com a substituição de Arthur Friedenreich, herói do Sul-Americano de 1919, após os dois primeiros empates. Encararam o fato como um desrespeito ao futebol local, afirmando que, “sem procurar desmerecer do esforço dos cariocas do quadro, as maiores honras e as maiores glórias cabem por certo aos elementos de cá”.⁵⁰ Colocaram ainda em evidência a vitória do remador paulista José Ferreira no Campeonato

43 *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1922, p. 1.

44 *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1922, p. 1.

45 *A Noite*, Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1922, p. 2.

46 *O Paiz*, Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1922, p. 2.

47 *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1922, p. 6.

48 *O Jornal*, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1922, p. 7.

49 *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1922, p. 32.

50 *Folha da Noite*, São Paulo, 24 de outubro de 1922, p. 3.

Brasileiro de *Rowing*, supostamente uma prova da “força, da vontade e do adeantamento paulistas”, ironizando um suposto projeto da CBD para “elevar o esporte brasileiro, prejudicando o de São Paulo”.

A posição do periódico paulista foi mesmo uma exceção. Aliás, não somente o público e a imprensa celebraram os jogadores como verdadeiros heróis da nação. O senador cearense Benjamim Barroso, por exemplo, propôs a concessão de um prêmio de 50:000\$000 a ser dividido pela equipe, como forma de agradecimento ao fato de que os vencedores “se esforçaram, conservando-se adstrictos aos preceitos desportivos, pelo renome da nossa gente [...]”.⁵¹

O envolvimento de parlamentares foi tão intenso que a revista paulista *A Cigarra*, antes mesmo da vitória brasileira, em sua edição de 15 de outubro de 1922, publicou duas charges ironizando a situação. Na primeira, quatro jogadores da seleção, machucados, com muletas e curativos pelo corpo, solicitavam a uma figura feminina, que representava a República: “E agora o que queremos é uma pensão vitalícia; porque, afinal, fomos feridos em ‘defesa da Pátria’!”.⁵² A segunda apresenta o gabinete presidencial de Epitácio Pessoa, cheio de referências ao futebol; um jogador da seleção a ele se dirige: “Porque o governo não cria um ministério do Futebol? Não seria mais útil que qualquer outro?”.⁵³

Outra charge, também publicada em *A Cigarra*, dez dias depois da conquista do título, ironizou um discurso de um jornalista que afirmara que sem o esporte não havia patriotismo e que a força física de um povo é que fazia a grandeza da nação: um atlético jogador de futebol batia bola com o franzino Ruy Barbosa, candidato derrotado às eleições presidenciais de 1922, e dizia: – “E ainda falam em talento! Qual, história! Ruy, para ser grande e patriota, tem de correr num campo de futebol!”.⁵⁴

É verdade que nem todos os parlamentares se mostraram tão simpáticos. Para alguns, os atritos com a seleção uruguaia teriam acirrado as rusgas com uma nação que com o Brasil disputava uma cadeira permanente na Liga das Nações; tratava-se de um revés na política externa. O deputado

51 *A Noite*, Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1922, p. 3.

52 *A Cigarra*, São Paulo, 15 de outubro de 1922, p. 8.

53 *A Cigarra*, São Paulo, 15 de outubro de 1922, p. 25.

54 O DOMÍNIO do futebol. *A Cigarra*, 1º de novembro de 1922, p. 26.

paulista Carlos Garcia chegou a apresentar um projeto em que se proibia a realização de jogos internacionais no país.⁵⁵

Ironizando tal proposta, a revista *Careta* publica uma charge em que o Congresso Nacional, representado por um senhor de fraque e cartola, levava duas boladas. Na bola que acertava em cheio seu rosto estava escrito: “Ficam proibidos os jogos internacionais”; na outra, que atingia a parte de trás do personagem, lê-se: “Serão premiados com 50:000\$000 os jogadores victoriosos”. O senhor/congresso dizia: “Pára! Pára! É melhor começar de novo”.⁵⁶

De qualquer forma, é inegável que o Campeonato Sul-Americano de Futebol mobilizou o país nas mais diferentes esferas. Uma crônica, de autoria de “K.Fico”, publicada na revista *Vida Moderna*, é exemplar da relação que se estabelecia entre a população, a seleção brasileira e a ideia de nação. A longa transcrição faz-se necessária devido à riqueza de detalhes, de informações e de analogias. Trata-se de uma ode a um sentimento que havia nascido em 1919 e começava a se consolidar com a disputa de 1922. Publicada dias após o empate com os uruguaios (portanto, antes da final), exaltava o futebol como elemento de confraternização e autoidentificação dos brasileiros:

Esses milhares de indivíduos de todas as categorias, de todas as edades, de todas as côres, proprietários e párias, advogados e engraxates, e, quem sabe, talvez alguma Exca. desgarrada do bando, todos pensavam, neste momento, por um só cérebro, pulsavam com um só coração, sentiam os mesmos nervos, desejavam uma só e mesma cousa. Era como si aquella gente toda se tivesse fundido no cadinho do Futebol, e da amálgama subisse um ser, de calção curto e camisa de lã, que só pensasse no Futebol, para elle e por elle vivesse.

Si, para ser melhor compreendido, permittirem uma imagem futurista, direi que a pugna era uma pilha eléctrica do tamanho do Stadium do Fluminense, cujas descargas pedestres, mais velozes do que uma Hudson de 6 cylindros descendo a Avenida Angélica em terceira, regulada por 22 commutadores corajosos e fortes, vinham exercitar os aparelhos della dependentes e que éramos todos nós.

55 O PROJECTO Carlos Garcia. *Folha da Noite*, São Paulo, 21 de outubro de 1922, p. 3.

56 SURPREZAS do football. *Careta*, Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1922, p. 25.

Cada um, um telephone sem número, sem fio, sem telephonistas, telephonistas sem a gasolina do amor no motor do coração, metálicas, que não ligam e só sabem dizer: Desculpe, foi engano. Ligação directa e automática. Funcionamento perfeito. O que um sentia, todos sentiam; o que um queria, todos queriam. Igualdade e Fraternidade. Liberdade já temos há cem annos. Não tínhamos Futebol há cem annos. Hoje, vemol-o dominar despoticamente desde a modesta fazenda perdida na orla da mata virgem, até a capital mais civilisada. Todos o comprehendem, todos o commentam.

Um negro que estava à minha frente entendia de futebol como gente branca. Seus conhecimentos futebolísticos explodiam em comentários curtos e incisivos que atingiam todos os jogos e jogadores, nacionaes e estrangeiros, do passado, do presente e do futuro. [...]

A torcida foi medonha. Si não vencemos a culpa não foi nossa. Bastava aos jogadores obedecerem ás nossas ordens e teriam feito centenas de goals.⁵⁷

À guisa de conclusão

Entre as comemorações do centenário da independência, realizadas em 1922, o Campeonato Sul-Americano de Futebol ocupou um lugar de destaque não só por ter mobilizado grande número de espectadores quanto por ter apresentado outras formas de exaltar a nação. Ao contrário de uma participação ordeira e “civilizada”, conforme previram e se esforçaram em lograr os dirigentes, os torcedores carnavalizaram a celebração, sendo seguidos pela imprensa e mesmo por algumas autoridades governamentais, notadamente após a conquista do título. Ainda persistiram polêmicas e contestações, mas muitos se irmanaram ao redor dessa forma de festejar a pátria.

Assim, se o público participou das celebrações do centenário, isso também se deu a partir da negociação dos sentidos e significados de seu

⁵⁷ BRASILEIROS x Uruguayos. *Vida Moderna*, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1922, Ano XVIII, n. 441, p. 12.

envolvimento: ativamente a população interferiu na ideia de nação que estava sendo forjada.

O campeonato de 1922 ajudou a consolidar algo que já vinha se delineando desde a conquista do Sul-Americano de 1919: o futebol tornava-se um importante espaço de participação popular na celebração do país, algo que se tornaria ainda mais forte no decorrer do tempo, especialmente quando a seleção brasileira começasse a conseguir maior número de bons resultados em competições internacionais.

Nos estádios, notadamente nas gerais e arquibancadas, o público passaria cada vez mais a se sentir como parte do espetáculo. Não era mais, aliás, o público. Era a torcida. A torcida brasileira. Era a nação. Era o Brasil no gramado.

Recebido em maio de 2012.
Aprovado em junho de 2012.